

HORIZONTES HERMENÊUTICOS- PERCURSOS METODOLÓGICOS NO TRAJETO: DE ENFERMEIRA À ANTROPÓLOGA

Telma Eliane Garcia
telmaterapia@ufpa.br

AÇÃO TRANSVERSAL / Chamada Pública MCT/CNPq/MEC/CAPES⁸
PPGAS- UFPA
Doutoranda

Este texto busca, por meio de um relato de experiência, descrever os percalços e desafios metodológicos enfrentados na investigação sobre o consumo de álcool entre os indígenas *Tembé Tenetehara*, de Santa Maria do Pará. A partir de uma interação interdisciplinar entre os conceitos teóricos do Paradigma Hermenêutico e os procedimentos metodológicos da Teoria da Comunicação, superou-se um aparente descompasso entre as análises sistêmicas e as teorias compreensivas. Descreve-se o percurso de inserção na comunidade; os cuidados ao se dialogar sobre um tema estigmatizado; as técnicas que interseccionam teorias da comunicação e da dialética; a construção do círculo hermenêutico para a compreensão do significado do consumo de bebidas alcoólicas entre os *Tembé Tenetehara*.

Palavras-chave: Metodologia, Antropologia, Alcoolização, Povos Indígenas.

INTRODUÇÃO

Na área das pesquisas em Ciências Sociais os dilemas e desafios, no que se refere aos aspectos metodológicos, tentem para um debate entre o empirismo e o racionalismo. Em se tratando de uma realidade na qual o homem intervém, os fenômenos sociais se caracterizam em duas ordens: as ações individuais e as realizações, que se tornam fatos sociais, dando origem a duas escolas de produções: as macroteorizações, que caracterizam a Teoria Sistêmica e as microteorizações utilizadas pela Teoria Compreensiva.

Recentemente, a Teoria Social enfatiza a complementariedade dessas duas ordens de fenômenos, argumentando que as ciências humanas são basicamente hermenêuticas, não buscando uma interpretação final, mas o permanente diálogo do círculo hermenêutico. Na investigação epidemiológica a busca seria para encontrar uma cadeia de intermediações ligada ao processo saúde – doença; e, em uma pesquisa antropológica tentaria captar o modo como

⁸ Beltrão, Jane Felipe; Schaan, Denise P.; & Souza Lima, Antonio Carlos. 2011. Patrimônio, Diversidade Sociocultural, Direitos Humanos e Políticas Públicas na Amazônia Contemporânea – Chamada CT - AÇÃO TRANSVERSAL / Chamada Pública MCT/CNPq/MEC/CAPES - Ação Transversal nº 06/2011 - Casadinho/Procad, processo No. 552279/2011-0. (Inédito)

determinados sujeitos vivenciam e compreendem este processo. (Alves, 1995; Camargo Jr., 2013).

Considerando esta discussão, este texto busca, por meio de um relato de experiência, descrever os percalços e desafios metodológicos enfrentados em pesquisa sobre o consumo de álcool entre os *Tembé Tenetehara* de Santa Maria do Pará. Em virtude da formação acadêmica da pesquisadora (enfermeira), surgiu aparente descompasso entre as premissas positivistas e as opções metodológicas interpretativas disponibilizadas no doutoramento em Antropologia Social. A harmonização de conceitos foi construída pela busca constante de interdisciplinaridade e pela escolha dialógica com os autores Hans-Georg Gadamer e Jünger Habermas, teóricos do Paradigma Hermenêutico- Dialético, resultando na construção do círculo hermenêutico e na compreensão do significado do beber entre os indígenas *Tembé Tenetehara*.

PERCALÇOS E PERCURSOS METODOLÓGICOS

No primeiro contato que estabeleci com um grupo de indígenas *Tembé Tenetehara* fui introduzida na comunidade pelo Cacique que, interessado em meu tema de pesquisa sobre o consumo de álcool, disponibilizou-me estadia em suas aldeias, localizadas nas proximidades de Capitão Poço (Pará). Saí em visitas com a enfermeira da localidade, conhecendo as famílias e fazendo perguntas sobre o uso de bebidas alcoólicas, concluindo com as respostas recebidas, que não havia consumidores de álcool. Entretanto, ao final das visitas a enfermeira explicou que as pessoas não haviam respondido o que realmente ocorria, porque o Cacique proibia o uso de álcool e os que usavam, não revelariam seus hábitos.

O projeto de pesquisa que elaborei para a seleção do doutorado, a partir de uma abordagem intervencionista, refletia os anos de treinamento em uma concepção biomédica que não dá espaço para a subjetividade dos interlocutores. Não havia ainda tomado consciência dos descuidos que cometi e que poderiam comprometer uma futura etnografia⁹: o

⁹ James Clifford conceitua a etnografia como sendo a prática de apresentação intercultural, ou seja, uma descrição cultural sintética baseada na técnica de observação participante, onde se busca descrever e traduzir os costumes, as relações e normas sociais, as instituições, o contexto histórico de cada comunidade, com o objetivo de construir um mundo comum de significados (Clifford, 2002).

fato de haver chegado à localidade em companhia do Cacique me colocou numa posição de inserção diferenciada oportunizando informações condicionadas sobre o uso de álcool. Perguntar sobre o uso de bebidas, não foi uma boa estratégia, porque os que realmente têm dificuldades com o abuso, não estavam prontos, ao menos naquele momento, para revelar ou admitir facilmente seus hábitos de consumo do álcool.

A noção desses descuidos foi se estabelecendo durante as leituras das disciplinas da pós-graduação. A primeira percepção despertada foi a questão do estigma que envolve esta temática. Mary Douglas (1976) traduz a idéia de sociedade como uma imagem de poder que controla ou estimula a ação das pessoas e aqueles que não se enquadram dentro dos critérios tradicionais de classificação social, terminam ocupando lugares fronteiros, dando origem aos grupos ‘marginais’.

Introduzir-se em um campo de pesquisa com características de marginalidade requer prudência e cuidados que evitem os preconceitos que todos carregamos, decorrentes de nossa formação social. Buscando encontrar uma teoria que outorgasse sustentabilidade para manter flexibilidade na compreensão da realidade de uma comunidade e de seus elementos marginais, encontrei nas Teorias Compreensivas espaço adequado para me apoiar.

O eixo fundamental no processo comunicativo, que prevê uma interação simultânea entre o individual e o coletivo, alivia o peso da pressão social que a abordagem sistêmica confere a sociedade, entendendo que não se pode considerar os indivíduos apenas desempenhando papéis sociais como ‘marionetes’ que reproduzam inconscientemente a ordem social (Habermas, 2003).

Compreender os preconceitos, segundo Gadamer (1997), é o ponto de partida do problema hermenêutico. Ele considera que os preconceitos de um sujeito são muito mais do que seus juízos, perfazem a realidade histórica de seu ser sob a idéia de uma ‘autoconstrução absoluta da razão’ e enfatiza ser fundamental compreendê-los e diferenciá-los para defender o razoável de qualquer imposição.

Em face destas considerações, entendi que deveria romper com preconceitos, numa atitude racional de tomar consciência de meus próprios limites epistemológicos, atribuindo aos indígenas *Tembé Tenetehara* à autoridade de conhecimento consagrado pela tradição e

pela herança histórica que eles possuem. Nesta perspectiva, precisei abandonar a postura docente de sapiência, a visão distorcida de sofrimento do outro e a necessidade como enfermeira de prover resolutividade a partir de “meus”¹⁰ métodos de cuidado. Esta, segundo Gadamer, é a condição hermenêutica suprema: “*suspendere por completo os próprios preconceitos*” (1997; p. 447).

Estes desafios metodológicos precisavam ser enfrentados em meu trabalho entre os *Tembé Tenetehara* de Santa Maria do Pará, comunidade onde desenvolvo a pesquisa. Assim que, a primeira decisão tomada em acordo com a orientadora foi de não revelar meu objetivo real de pesquisa, para contornar as demarcações de estigma e preconceito que envolve este assunto. A estratégia proposta foi oferecer meus serviços como enfermeira e professora, para realizar um mapeamento da saúde que lhes forneceria dados para embasar suas demandas políticas na conquista por assistência em saúde diferenciada.

As primeiras visitas foram realizadas na companhia de um indígena, liderança na comunidade, que já havia trabalhado como Agente de Saúde no município sendo reconhecido por suas habilidades em prestar cuidados de enfermagem. Minha apresentação em cada casa, em nenhum momento foi feita por mim mesma, sempre era introduzida com a explanação de meu objetivo em levantar dados gerais de saúde. Quando não pude mais contar com a companhia do líder indígena, busquei autorização junto à Secretaria de Saúde do Município de Santa Maria do Pará, para acompanhar os Agentes de Saúde¹¹ que visitavam os indígenas pelo Programa de Saúde da Família.

Nesse primeiro contato, as questões eram sobre os hábitos gerais de cada membro da família relacionando com aspectos da saúde, e as perguntas sobre o uso de bebidas era introduzidas sem ênfase, apenas como um dado a mais. Facilitou minha comunicação inicial

¹⁰ Entendam-se estes “meus” como o conhecimento teórico-prático que fazem parte de meu instrumental de ação como enfermeira, muitas vezes impondo propostas de soluções como sendo as mais acertadas e próprias para conduzir a resultados efetivos aos impasses em relação à saúde das pessoas a quem presto cuidados.

¹¹ As visitas com os Agentes de Saúde foram feitas nos dias em que eles estavam disponíveis e nos horários que eles sabiam ser o melhor para encontrar as pessoas em suas casas.

estar em posse do censo¹² que havia sido realizado anteriormente por um colega¹³ de pesquisa.

A comunicação que se estabeleceu nestes contatos foi baseada nas concepções hermenêuticas de Habermas (2003) e em sua teoria do *Agir Comunicativo* e refere-se ao entendimento entre sujeitos capazes de falar, de agir, aceitar ou contestar as enunciações. A linguagem é valorizada, não mais como algo no mundo objetivo, mas relativizada em enunciações que podem ser contestadas em sua validade por outros atores. Admitem-se as pretensões de validade dos outros participantes do diálogo, reconhecidos enquanto participantes do processo de entendimento (Reese-Scäfer, 2012).

Os primeiros dados coletados no mapeamento serviram para uma compreensão melhor da comunidade, suas condições de vida, habitação e agravos de saúde a que estão mais expostos. No entanto, esses dados não me davam base para compreender a alcoolização,¹⁴ pois se tratavam apenas da opinião de uma parcela da população feminina, não dando condições de responder as principais questões em uma abordagem de pesquisa antropológica¹⁵: Como bebem? Quando bebem? E quando o beber passa ser um problema social?

Fenômenos sociais são complexos, por isso o antropólogo não pode depender de informações quantitativas baseadas em uma amostra da população. Pelo contrário, deve “basear-se em um conhecimento profundo adquirido por intermédio de uma convivência prolongada”. Entretanto, a vantagem de se coletar material de forma quantitativa é que os

¹² O levantamento demográfico (censo) constitui uma informação básica para os antropólogos, pois é necessário constatar o número de pessoas que compõe a comunidade a ser estudada. Esta atividade deve ser transformada em uma das atividades rotineiras do antropólogo, e atualmente equipes de pesquisadores têm sido utilizadas nesses procedimentos. Sobre o assunto consultar: J. Clyde Mitchell (2010).

¹³ O Censo havia sido realizado por Edimar Antonio Fernandes, indígena *Kaingang*, com apoio do indígena *Tembé Tenetehara* Almir Vital da Silva em pesquisa anterior sobre a Associação Indígena *Tembé* de Santa Maria do Pará (AITESAMPA).

¹⁴ Menéndez conceitua alcoolização como sendo: “[o] conjunto de funções e consequências positivas e negativas que cumpre a ingestão de álcool para conjuntos sociais estratificados e não apenas o estudo dos alcoólicos dependentes, nem os excessivos, nem os moderados, nem os abstêmios, mas sim o processo que inclui a todos e que evita considerar o problema em termos de saúde e/ou enfermidade mental” (1982; p. 63).

¹⁵ Para ampliar o conhecimento de abordagens antropológicas nas pesquisas sobre o consumo de bebidas alcoólicas entre os povos indígenas no Brasil, consultar: Langdon, 2001; 2005; Souza & Garnelo, 2006; 2007; Ferreira (2004), Caux (2011), Souza(2013).

dados estatísticos permitem desemaranhar o efeito de fatores subjacentes aos fenômenos observados sendo instrumentos auxiliares para a descrição. (Mitchell, 2010; p. 90).

Gadamer harmoniza estes métodos quando esclarece que o movimento da compreensão vai constantemente do todo para a parte e da parte para o todo relembrando a regra hermenêutica de que: “*tem que se compreender o todo a partir do individual e o individual a partir do todo*” (1997; p. 436).

Mediante esses conceitos comecei a visitar rotineiramente alguns domicílios onde havia indivíduos que faziam uso regular de bebidas alcoólicas para criar oportunidades de melhor compreensão das questões individuais, e ao mesmo tempo, mantinha o mapeamento acompanhando os Agentes de Saúde. Estes momentos de conversa proporcionaram “atos de fala” que serviam não apenas para a representação ou narrativas de estados ou acontecimento dos falantes, mas para uma auto representação, quando os falantes se referiam a algo de seu mundo subjetivo. No entanto, Habermas (2003) argumenta que para se compreender o que é dito, é necessário a participação, e não apenas a mera observação.

Outro ponto levantado por Habermas em relação à participação do pesquisador “*consiste no fato de que juízos de valor se insinuam no discurso que constata fatos*” e conclui que estas dificuldades podem ser superadas se a análise empírica do comportamento cotidiano estiver vinculada ao quadro de referências teóricas das interpretações dos próprios falantes (2003; p. 44).

Para realizar este difícil exercício hermenêutico de participação, observação e uma interpretação a partir da visão dos próprios indígenas sobre as questões que envolvem o consumo do álcool, utilizei procedimentos metodológicos da Teoria da Comunicação consagrados nos estudos nas áreas de Enfermagem em Saúde Mental e Psiquiatria¹⁶ (Stefanelli, 1985; 1993), Psiquiatria interpessoal (Sullivan, 1953) e da Comunicação (Watzlawick, Beavin & Jackson, 2000).

O primeiro grupo de técnicas é indicado nos contatos iniciais e servem para estabelecer o conhecimento mútuo. Chamar a pessoa de *forma personalizada*, pelo seu nome,

¹⁶ Vale ressaltar que esta abertura a uma interdisciplinaridade de métodos dialógicos se tornou possível em virtude de um treinamento anterior nas técnicas de comunicação que minha formação como enfermeira e docente em Saúde Mental e Psiquiatria me proporcionara.

manifesta interesse e atenção (Majello, 1970). *Ouvir reflexivamente* é um processo que requer concentração de atenção para se identificar a expressão verbal e a não verbal, buscando compreender o que o interlocutor diz e o que ele pode estar querendo transmitir, pensando reflexivamente no conteúdo expresso (Stefanelli, Arantes & Fukuda, 2008). O processo de ouvir exige períodos de silêncio que precisam ser compreendidos por sua utilidade em conceder tempo para o interlocutor organizar suas idéias e expressá-las. O silêncio requer paciência, mas transmite a idéia de estar pronto a ouvir, oferecendo aceitação, respeito e confiança para o interlocutor comunicar suas idéias (Stefanelli, 1993).

As perguntas são excelentes para dar continuidade ao diálogo se forem bem elaboradas. Devem ser evitadas perguntas que predispõe às respostas simples, como um ‘sim’ ou ‘não’. Iniciar perguntas com ‘por que’ ou ‘como’ podem intimidar ou pressionar a explicações que nem sempre a pessoa esteja preparada para compartilhar (Stefanelli, 1993). Há determinados questionamentos que induzem a uma resposta esperada, por exemplo: “Você não gosta que ele beba, não é?” O entrevistado acaba ficando involuntariamente constrangido ao dar a resposta esperada pelo entrevistador, pois não lhe foi dada a oportunidade de revelar sua própria opinião. Neste caso seria mais adequado perguntar: “Você se incomoda quando ele bebe?”

O segundo grupo de técnicas de comunicação auxiliam na *clarificação* das mensagens compartilhadas. Deve-se solicitar esclarecimento sobre termos incomuns e evitar a utilização de termos técnicos. Se for necessário utilizá-los, o pesquisador deve esclarecer o significado da palavra utilizada e validar a compreensão da mesma, pois o interlocutor pode não pedir esclarecimentos do que foi dito, o que gera incompreensões inadequadas (Stefanelli, Fukuda & Arantes, 2008). O pesquisador também deve verbalizar suas dúvidas, expressando o que não compreendeu.

O terceiro grupo de técnicas dialógicas deve fazer parte de todo o processo da comunicação, buscando a verificação da compreensão das informações por meio de *validação*. Solicitar que o outro repita a informação oportuniza-o de corrigir informações e ampliar o conteúdo. Pode-se repetir resumidamente o que foi falado e questionar se está

correta a repetição, evitando fazer isto com muita frequência para não criar estereótipos na comunicação (Stefanelli, Arantes & Fukuda, 2008).

As técnicas acima descritas serviram de guia para a busca de comunicação e interação com as famílias que conviviam de forma mais presente com o uso e abuso de álcool, não significando que em algumas situações eu não tenha cometido equívocos, por exemplo, a decodificação das mensagens nem sempre ocorreu da melhor forma. Foi um processo de crescimento e aprendizado contínuo, em que o diário de campo auxiliou deveras nas reflexões, a leitura de teóricos e a orientação acadêmica consolidaram a tomada de consciência dos erros e a busca por acertos.

A partir do entendimento que o objeto de conhecimento na perspectiva hermenêutica refere-se de forma representativa aos objetos de pensamento que são construídos pelos agentes sociais em suas situações da vida cotidiana, e que segundo Habermas “[u]ma situação representa um segmento do mundo da vida¹⁷ recortado em vista de um tema”, decidi buscar situações onde ocorressem processos de comunicação entre os indígenas *Tembé Tenetehara* (Habermas, 2003; p. 166).

A principal atividade econômica nesta comunidade é o cultivo de mandioca e a produção de farinha. O processo que compõe o cultivo, em maioria dos casos é feito de forma solitária, ou em pequenos grupos, onde há predominância da presença masculina. Na produção de farinha, as mulheres são a mão de obra principal no preparo da raiz para o processamento nos ‘retiros de farinha’. Passei a frequentar os ‘retiros’ nos momentos que sabia haver atividades coletivas, para perseguir a busca de compreensão da comunicação na vida cotidiana dos *Tembé Tenetehara*. Tomei o cuidado de não transformar a comunidade em um “objeto de estudo”, mas em sujeitos de relações dialógicas, interpretando o dialogismo como o elemento que instaura a constitutiva natureza discursiva da linguagem (Braid, 1997).

Habermas enfatiza que quem participa de um processo comunicativo ao dizer algo e ao compreender o que lhe é dito, acaba por assumir uma ‘atitude performativa’. Ele explica que esta atitude é uma orientação mútua por pretensões de validade “*que o falante ergue na*

¹⁷ O Conceito de “mundo da vida” para Habermas se constitui em “[u]m tal horizonte de suposições de fundo intersubjetivamente partilhadas, no qual o processo de comunicação está previamente inserido” (Reese-Schäfer, 2012; p. 54).

expectativa de uma tomada de posição por sim/não da parte do ouvinte” (Habermas, 2003; p. 42). Ao se envolverem mutuamente em atitudes performativas, os participantes estão envolvidos nas funções que as ações comunicativas realizam para a reprodução do mundo da vida comum.

A atitude performativa do pesquisador, segundo Habermas (2003), é a atitude daqueles que procuram compreender o que lhes é dito, a luz de uma posição de investigação que implica em três importantes procedimentos hermenêuticos. Os intérpretes devem renunciar sua posição privilegiada de observador e envolverem-se nas negociações dialógicas sobre os sentidos e a validade dos proferimentos; confrontar-se com a questão de como superar a dependência de interpretação relativa ao contexto e finalmente têm que alcançar um saber que se apóia em pretensões de validade adicionais. A atitude performativa deve ser subordinada a uma atitude objetivante, desafio maior para uma antropóloga iniciante.

Para apoiar meu conhecimento e interpretação em ‘pretensões de validade adicionais’ precisava frequentar os lugares onde o tema da pesquisa surgisse em conexão com os interesses e objetivos da ação dos participantes da comunicação, e decidi que deveria começar a frequentar os bares no período noturno e os balneários nos finais de semana.

Nestes momentos podia me aproximar dos indígenas que frequentavam estes locais, principalmente por serem as únicas pessoas que eu conhecia, e sempre marcava uma visita com alguém para o dia seguinte. Minha primeira intensão era observar sintomas de ressaca, e poder fazer perguntas mais específicas aos consumidores de álcool. O entendimento simbólico do prazer que álcool proporciona era marcante nos diálogos do dia seguinte. A relação circular hermenêutica se estabelecia: o movimento da compreensão que vai constantemente do todo à parte e da parte para o todo na tarefa de ampliar o entendimento dos sentidos e os significados que o beber representa para os *Tembé Tenetehara*.

O verão estava iniciando e com ele a agenda de forrós e bailes tradicionais se intensificava. Manifestei o desejo de ir a um forró na companhia das indígenas que frequentavam os eventos e prontamente fui convidada. As similaridades entre as festas e os encontros nos balneários eram várias, praticamente só se diferenciavam nos horários e no glamour típico dos eventos noturnos, mas a diferença na maneira como comecei a ser tratada

pelos indígenas que frequentavam esses encontros, e também pelos que não frequentavam, foi notória. Eu estava perdendo o status de professora e passava a ser ‘uma pessoa’, que galgava o entendimento de que a compreensão significa: entenderem-se uns aos outros (Gadamer, 1997).

As premissas metodológicas de J. Van Velsen trouxeram a lembrança que o antropólogo social está interessado em “*estudar pessoas que vivem e atuam dentro de certa ordem social, cujas ações devem ter, portanto, alguma referência às normas de conduta já aceitas e estabelecidas*” (2010; p. 452). Algumas destas regras eu já visualizará pela observação e nos diálogos, mas sobre a “ordem social” que deveria ser o pano de fundo das relações entre os *Tembé Tenetehara* ainda não estava perceptível a meu entendimento.

Na perspectiva da Antropologia Estruturalista o sistema de parentesco define o status de cada indivíduo no grupo, bem como seus direitos e deveres em relação a seus parentes. Segundo Velsen (2010) o quadro de referência estrutural ainda é um pré-requisito para a análise antropológica, entretanto, deve ser utilizado de maneira mais estética do que normativa, pois os indivíduos podem fazer opções que sejam variantes dos comportamentos e normas, selecionando os que servirão melhor a seus objetivos em cada situação. Utilizando a construção de quadros genealógicos de cada família poderia obter uma análise sincrônica de princípios estruturais que estariam intimamente ligados a uma análise diacrônica da operação desses princípios pelos atores específicos, em situações específicas.

Pedi ajuda dos que estavam sendo visitados com mais frequência, que eram exatamente os que bebiam mais aos domingos, e na segunda feira ficavam de folga esperando se recuperar dos abusos do final de semana, para construirmos quadros genealógicos de cada família. Nossas visitas eram direcionadas para as pessoas mais idosas, que conheciam a maioria dos parentes e nesses encontros os familiares que moravam na vizinhança eram chamados para ajudar. Esta atividade proporcionava conversas animadas e interessantes, onde introduzia o tema sobre a bebida alcoólica para criar momentos de debates e ouvir as várias opiniões que se estabeleciam a partir do senso comum.

Nas ‘situações de fala’ podia visualizar a interação preconizada por Habermas (2003), onde os agentes assumem alternadamente os papéis comunicacionais de falantes, destinatários

e pessoas presentes, e este sistema de perspectivas dos falantes estava entrelaçado com o seu sistema de perspectivas do mundo. Para Habermas (2003) em sua teoria do *Agir comunicativo* o mundo social das pessoas constitui-se exatamente nas normas que estabelecem nas interações interpessoais legítimas, e para os atores que valem esses conjuntos de normas, pertencem todos eles, ao mesmo “mundo social”.

À medida que visualizava a rede de relações familiares, ou seja: quem era primo de quem, quem pertencia a uma ou outra família, comecei a compreender os papéis sociais de cada falante e conseguia relacionar a posição de cada interlocutor dentro do grupo, bem como seu envolvimento com o tema em questão. Na análise compreensiva amparada na hermenêutica e dialética a busca deve ser apreender a prática social dos sujeitos em sociedade, em seu movimento contraditório, ou seja, nos processos sociais não existem pontos de vista “certos” ou “errados”, apenas diferentes representações dos diferentes grupos de interesse. A perspectiva dialética introduz na realidade o princípio do conflito e da contradição de maneira permanente e que se explica nas mudanças e transformações da dinâmica social. É fundamental neste processo realizar a crítica das idéias expostas, buscando a especificidade histórica, as diferenciações internas, a cumplicidade com seu tempo e momento e suas contribuições ao conhecimento e às transformações (Velsen, 2010; Minaío, 2010).

Minha atitude *objetivante* como pesquisador se consolidava nas reflexões posteriores aos diálogos, quando buscava integrar as categorias de informações que foram referidas, com os comportamentos observados. Nas palavras de Habermas (2003) as falas conquistam uma ‘estabilização’ graças às perspectivas do observador e são encaixadas no sistema de perspectiva do mundo dos observados. Assim como explicita Gadamer (1997), a compreensão acaba acontecendo a cada passo, confirmando que compreender significa prioritariamente, sentir-se entendido e entender a opinião do outro como tal, e que o “milagre da compreensão” não é uma comunhão misteriosa de almas, mas uma participação num sentido comum.

CONCLUSÃO

A elaboração hermenêutica e dialética de compreensão em relação ao envolvimento e concepções que os *Tembé Tenetehara* de Santa Maria do Pará têm sobre o consumo de

bebidas alcoólicas tornou-se, em meu entendimento, um diálogo. Neste processo de encontro, ampliei minha visão de enfermeira sobre quem é o ser humano em seu mundo social, e ganhei um novo horizonte. Este, o horizonte da antropóloga que significa, nas palavras de Gadamer, “aprender a ver mais além do próximo e do muito próximo, não para apartá-lo da vista, senão precisamente para vê-lo melhor, integrando-o em um todo maior e em padrões mais concretos” (1997; p. 456).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES, Paulo César. 1995. “A perspectiva de análise social no campo da saúde: aspectos metodológicos”. In: A. M. Canesqui (orgs.), *Dilemas e desafios das Ciências Sociais na Saúde Coletiva*, São Paulo/ Rio de Janeiro: UCITEC/ABRASCO, pp. 63 – 82.
- BRAID, Beth. 1997. “Bakhtin e a natureza constitutivamente dialógica da linguagem”. In: B. Brait (org.), *Bakhtin, Dialogismo e Construção de Sentido, Campinas*. São Paulo: Editora da UNICAMP, pp. 91-104.
- CAMARGO Jr., Kenneth Rochel. 2013. “Epidemiologia e Ciências humanas: discutindo a relação”. In: W. Villela & S. Monteiro (orgs.), *Estigma e Saúde*. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, pp. 135-142.
- CAUX, Camila Becattini Pereira. 2011. *Histórias de cachaça e povos indígenas*, Dissertação de mestrado, Rio de Janeiro: PPAS/ Museu Nacional
- CLIFFORD, James. 2002. *A experiência etnográfica: antropologia e literatura no século XX*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ.
- DOUGLAS, Mary. 1976. *Pureza e Perigo*, São Paulo: Perspectiva.
- FERREIRA, Luciane Ouriques. 2004. “O “fazer antropológico” em ações voltadas para a redução do uso abusivo de bebidas alcoólicas entre os Mbyá- Guarani, no Rio Grande do Sul”. In: E. J. Langdon & L. Garnelo, *Saúde dos Povos Indígenas: reflexões sobre a antropologia participativa*. Rio de Janeiro: Associação Brasileira de Antropologia. Contra Capa Livraria, pp. 89-110.
- GADAMER, Hans-Georg. 1997. *Verdade e Método- traços fundamentais de uma Hermeneutica Filosófica*. Trad. Flavio Meuer, Revis. Ênio Giadrini, Petrópolis: Vozes.
- HABERMAS, Jünger. 2003. *Consciência Moral e Agir Comunicativo*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.
- LANGDON, E. Jean. 2001. “O que beber, como beber e quando beber: o contexto sociocultural no alcoolismo entre as populações indígenas”. In: *Anais do Seminário sobre Alcoolismo e Vulnerabilidade as DST/AIDS entre os Povos Indígenas da Macro região Sul Sudeste e Mato Grosso do Sul*. Brasília: Série Seminários e Congressos nº. 4. Ministério da Saúde, pp. 83- 98.
- _____. 2005. “L’abus d’alcool chez les peuples indigènes du Brésil: une évaluation comparative”. *Drogues, santé et société*, 4 (1): 15- 52.
- MAJELLO, Carlo. 1970. *A arte de comunicar*. Trad. Maria Luiza Maia, Lisboa: Pórtico.

- MENÉNDEZ, Eduardo. 1982. “El proceso de alcoholización: revision crítica de la producion socioantropologica, histórica y biomédica em America Latina”, *Cuaderno de La Casa Chata*, 57: 61-94.
- MINAYO, Maria Cecilia. 2010. *O desafio do conhecimento – Pesquisa Qualitativa em Saúde*. São Paulo: Hucite.
- MITCHELL, J. Clyde. 2010 “A questão da quantificação na Antropologia Social”. In: B. F.Bianco. (org.), *Antropologia das sociedades contemporâneas – Métodos*, São Paulo: UNESP, pp. 89-137.
- REESE-SCHÄFER, Walter. 2012. *Compreender Habermas*, Rio de Janeiro: Vozes.
- SOUZA, Maximiliano. 2013. “Da Prevenção de Doenças à promoção da saúde: reflexões a partir da questão do uso de bebidas alcoólicas por indígenas”. In: M. L. P. Souza (org.), *Processos de Alcoolização Indígena no Brasil: perspectivas plurais*. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, pp. 179-194.
- SOUZA, Maximiliano & GARNELO Luiza. 2006. “Desconstruindo o alcoolismo: notas a partir de um objeto de pesquisa no contexto indígena”. *Rev. Latinoam. Psicopat. Fund.* IX, (2): 279-292.
- _____. 2007. “Quando, como e o que se bebe: o processo de alcoolização entre populações indígenas do Alto Rio Negro, Brasil”. *Cadernos de Saúde Pública*, 23 (7): 1640-1648.
- STEFANELLI, Magda Costa. 1985. *Ensino de técnicas de comunicação terapêutica enfermeiro-cliente*. Tese. São Paulo: Escola de Enfermagem da USP
- _____.1993. *Comunicação com o cliente: teoria e ensino*. São Paulo: Robe.
- STEFANELLI, Maguida Costa; ARANTES, Evalda Cançado & FUKUDA, Ilza Marlene Kuae.. 2008. “Estratégias de Comunicação Terapêutica”. In: M. Stefanelli, I. M. Fukuda & E. Arantes (orgs.), *Enfermagem Psiquiátrica em suas dimensões assistenciais*. Barueri: Manoele, pp. 331-357.
- STEFANELLI, Maguida; FUKUDA, Ilza & ARANTES, Evalda. 2008. “Comunicação não terapêutica e desafios à comunicação terapêutica na Enfermagem”. In: M. Stefanelli, I. M. Fukuda & E. Arantes (orgs.), *Enfermagem Psiquiátrica em suas dimensões assistenciais*. Barueri: Manoele, pp. 358- 370.
- SULLIVAN, Harry Stack. 1953. *The interpersonal theory of psychiatry*. New York: Norton.
- VELSEN, J. Van. 2010. “A análise situacional e o método de estudo de caso detalhado”. In: B. F. Bianco (org.), *Antropologia das sociedades contemporâneas – Métodos*, São Paulo: UNESP, pp. 437-468.
- WATZLAWICK, Paul; BEAVIN, Janet Helmick & JACKSON, Don D. 2000. *Pragmática da Comunicação Humana*. São Paulo: Cultrix.